

Um Pastor para conduzir seu Rebanho: Experiências religiosas em Guaramirim/SC (década de 1950).

Elaine Cristina Machado*

1. Cartografia religiosa de Guaramirim em perspectiva.

A ação de tomar a cidade como um texto a ser lido e interpretado não pode estar voltada para o passado, pois nela impera outro tempo, e seu passado só pode ser analisado pelo presente. Isso nos possibilita entender que a materialidade de uma cidade, conforme sustenta Lepetit (2001, p.179), “é marcada pela ação contínua do tempo, e o inventário urbano inscreve-se quase inteiro na história”. A cidade não pode ser vista como uma folha de papel em branco a ser desenhada ou escrita uniformemente com base em desejos e intenções singulares. Nesse sentido, Lepetit (2001, p.140) afirma que “a cidade não é um palimpsesto”, pois nela se justapõem diversos usos e é essa condição que nos permite realizar uma hermenêutica de seus espaços.

As rupturas discursivas e cronológicas são promovidas a partir do reconhecimento das diferentes marcas espalhadas pela cidade, seja através de sua materialidade expressa em vestígios, como igrejas, escolas, casas e demais edificações, seja por meio de lembranças que assumem contornos da imaterialidade presentes nas memórias, e que nos convidam a percorrê-las a cada frase, a cada palavra saudosa, a cada silêncio ou negação após uma pergunta, ou simplesmente tangenciando sua resposta com um simples e gentil: “isso eu não posso dizer, porque eu não lembro!”.

A inserção de novos olhares sobre as relações que se constituem na cidade e que ao mesmo tempo a constroem se traduz em uma delicada e desafiadora escolha de entender que estes olhares partem de falas, impressões, leituras e experiências daqueles que fizeram e que constantemente operam o refazer da cidade, e que nos possibilitaram reconhecer as polissemias presentes em Guaramirim, além de transitar entre elas a partir da perspectiva religiosa.

* Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina, área de concentração História do Tempo Presente.

Guaramirim é um pequeno município¹ localizado no na região norte de Santa Catarina, numa das regiões mais industrializadas do estado, próximo a polos industriais como Joinville, Jaraguá do Sul e Blumenau. Atualmente conta com uma população de 35.130 habitantes.²

A maioria da população vive na área urbana, mas inversamente, durante a década de 1950, vivia predominantemente em áreas rurais, como um reflexo do contexto de ocupação da própria cidade.

Poucos eram os espaços em que as famílias se encontravam; geralmente era em torno da igreja e da vida religiosa que se criavam e recriavam as sociabilidades. Em torno das comunidades religiosas anualmente se organizavam festas de padroeiros e outras atividades recreativas. Essas festas, principalmente para os católicos, eram organizadas pelo próprio vigário e tinham o objetivo de levantar fundos para manter o funcionamento da estrutura paroquial.

Uma leitura pouco atenta acerca do número de religiões presentes na cidade na década de 1950 pode perigosamente sugerir apenas um quadro de predominância do catolicismo, presença consistente dos luteranos, em função da organização de suas comunidades, e tímida presença de assembleianos. Porém, ao nos aproximarmos do censo produzido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 1950, podemos perceber que, embora em menor número, outras denominações se faziam presentes, pluralizando ainda mais o campo religioso em questão.

Segundo dados coletados em pesquisa desenvolvida pelo IBGE em 1950³, Guaramirim contava com uma população de 20.912 pessoas, sendo que deste total 17.619 afirmaram se dedicar ao catolicismo, 6.341 eram protestantes. Contudo, é preciso salientar que em relação a esse tipo de identificação realizada pelo censo não há distinção entre as denominações religiosas que compõem esse conjunto chamado de

¹ Em 1949 foi desmembrado de Joinville, momento em que deixa o status de distrito e é elevado a categoria de município. Até 1949 era chamado de Distrito de Bananal.

² Fonte: IBGE, Censo Geral, 2010. Guaramirim é apontado como um dos municípios de Santa Catarina que mais cresceu em termos populacionais na última década, registrando um aumento de 47,64% em relação ao ano 2000.

³ Fonte: IBGE, Recenseamento Geral, 1950.

“protestantes”, o que significa que houve um enquadramento de fiéis de diferentes denominações religiosas em um único grupo.

Retomando os números apresentados no mesmo censo, 7 pessoas eram espíritas, 1 maometano, 20 pessoas eram pertencentes à genérica categoria desse levantamento chamada de outras religiões, 2 pessoas se declararam sem religião e, por último, foi apurado que 17 pessoas não declararam sua pertença religiosa.

Em relação a este levantamento é preciso considerar que esses números precisam ser depurados, pois em 1950 Guaramirim somava a população que vivia dentro das delimitações geográficas oficiais e a população de dois outros distritos: Massaranduba e Schroeder⁴. Entretanto, não é somente a definição política da região que interfere nos números apresentados pelo censo, mas a maneira como essas denominações religiosas operam sobre essa região, especialmente o catolicismo, que ganhara corpo e consistência com a chegada de Pe. Mathias em Guaramirim, em 1949.

A outra questão levantada diz respeito à maneira como os sujeitos se definem e como esses sujeitos veem os outros. Os outros, nesse sentido, podem ser entendidos como aqueles que não professavam a fé católica e que, independentemente da opção por uma denominação religiosa ou pela ausência de uma denominação, passam a ser tratados com a devida distância, recomendada diretamente do púlpito.

A religiosidade e seus códigos delimitadores de espaços e práticas nos convidam a problematizar práticas religiosas, direcionadas especialmente aos fiéis católicos de Guaramirim, e o cotidiano de sujeitos que, a partir da década de 1950, passaram a ser capitaneados através da fé, sendo convocados a se aproximar dos cuidados e orientações do novo pároco da cidade, Pe. Mathias Maria Stein.

O sacerdote, nascido na cidade alemã de Schneppenbach, retornou ao Brasil no início de novembro de 1949 para assumir a função de secretário do bispo D. Pio de

⁴ A lei estadual nº 247, de 30 de dezembro de 1948, transfere o distrito de Guaramirim do município de Joinville para o município de Massaranduba; entretanto, em função da disputa política envolvendo estes dois distritos e da argumentação de Guaramirim sobre a estrutura apresentada por Massaranduba em 18 de julho de 1949, por meio da lei estadual nº 295, essa relação se inverte passando Massaranduba à condição de distrito de Guaramirim. E pela lei municipal de Guaramirim nº 2, de 10 de setembro de 1958, é criado o distrito de Schroeder, sendo desmembrado de Guaramirim em 1964. Fonte: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/santacatarina/guaramirim.pdf>>. Acesso em: 11 ago. 2011.

Freitas⁵, da diocese de Joinville, e em 6 de dezembro do mesmo ano assumiu a paróquia de Guaramirim. Pe. Mathias veio ao Brasil pela primeira vez em 1931, onde prosseguiu sua formação sacerdotal iniciada ainda na Alemanha, em 1923.

Em 1949⁶, Pe. Mathias, depois de sua breve passagem pela diocese de Joinville, deu início à sua intensa atuação como pároco em Guaramirim. No início da década de 1950 encampou o desafio de estruturar fisicamente e fortalecer religiosamente a recém-criada paróquia⁷. Embora houvesse pequenas capelas, construídas ainda no período em que Guaramirim era distrito de Joinville, foi com a chegada de Pe. Mathias que foram registradas novas construções, reformas, ampliações e aquisições de bens pertencentes à paróquia.

2. A “Pedagogia da Fé” e o fortalecimento das comunidades com “bons fiéis”.

A religião é sem dúvida um elemento de aproximação entre as pessoas, pois muitos identificam seus pares pela maneira como se comportam, como falam, como se vestem, como leem a vida e a morte a partir das mensagens salvíficas, ou ainda como refutam o pecado, ou aquilo que lhes é estranho ou desconhecido. São esses códigos que os identificam e lhes permitem se sentir pertencentes a uma comunidade ou denominação religiosa. Porém, as relações sociais extrapolam esse elemento de identificação.

Nessas tênues fronteiras, a fé tem ressonâncias e essas ressonâncias são polifônicas. Mostrar-se envolvido por um apego ao sagrado enquanto espaço de demonstração de fé e devoção (denominação religiosa) nem sempre é viver somente em um dos lados da fronteira, pois, por mais que existam códigos, normas e condutas vigiadas, por mais que seja estabelecida uma “pedagogia da fé”, os sujeitos sempre transitam entre as fronteiras: elas não são lugares delimitadores de territórios, são

⁵ D. Pio de Freitas foi bispo diocesano de Joinville até 1957, sendo sucedido por D. Gregório Warmeling.

⁶ Após sua ordenação retornou a Alemanha e em decorrência da II Guerra Mundial ficou impedido de voltar ao Brasil. Seu retorno aconteceu em 1949, por intermédio direto de D. Pio de Freitas (SCHORK, 2007, p.15) junto ao presidente do Brasil no período, Eurico Gaspar Dutra.

⁷ Conforme decreto de criação assinado em 8 de dezembro de 1950 pelo bispo D. Pio de Freitas. A Paróquia Senhor Bom Jesus de Guaramirim fazia limites com a Paróquia São Sebastião, de Jaraguá do Sul, a Paróquia da Catedral e a Paróquia Sagrado Coração de Jesus, de Joinville.

espaços de trânsito e também de litígio, e as relações entre os sujeitos vão além da esfera religiosa.

Desse modo, observa-se que a fronteira da religiosidade não é algo material, mas simbólico; e não é a fronteira que separa esses sujeitos, mas o limite da(s) identidade(s). Entretanto, esse limite não representa necessariamente uma barreira, mas sim uma referência, que pode representar uma divisão do sujeito entre o ser (cristão, ou ser católico, ou ser luterano, ou ser assembleiano ou sem religião) e o estar (em uma determinada denominação religiosa). Mas isso só é possível porque se pauta um sentimento de pertencimento.

Problematizar a religiosidade em Guaramirim não representa apontá-las para uma única direção, até porque essas experiências são atravessadas a todo o momento por outras, promovendo desencontros, interrupções, paralisações, sendo arrastadas e convocadas a compor outras vivências, afastando uma suposta linearidade.

A disposição de Pe. Mathias em investir no crescimento e no fortalecimento do catolicismo em Guaramirim e seu poder de interferir, aferir e consentir as relações entre seus fiéis e fiéis de outras denominações religiosas nos provoca a problematizar suas ações enquanto uma liderança religiosa e comunitária, principalmente no que se refere aos seus investimentos na estruturação das comunidades católicas, na defesa da unidade familiar e dos valores morais.

Ajustada ao propósito de tornar as famílias rurais alvo de estratégias de desenvolvimento do Estado, a Igreja engajava-se num projeto de reordenação do espaço rural visando restabelecer o espírito cristão. Conforme problematiza Souza (2008, p.205), ao trabalhar a aproximação da Igreja do homem do campo, durante a década de 1950,

A Igreja apresentava-se como a instituição mais próxima do homem do campo. Reforçava-se a idéia de que o trabalho no campo era difícil, mas, sem dúvida nenhuma, o mais digno, já que dele dependia a sobrevivência da humanidade. O sacrifício era indispensável para que se gerasse um excedente produtivo.

Partindo da discussão apresentada por Souza (2008), é possível identificar a execução desse projeto em Guaramirim, uma vez que a cidade era composta por um grande número de famílias que residiam em áreas rurais, sendo o trabalho familiar a

força motora de cada propriedade. O pároco trabalhava para que em torno da Igreja orbitassem todas as relações, fazendo desse espaço mais do que um espaço de fé e apego ao sagrado, mas um espaço onde as vivências e as experiências eram tuteladas pelos preceitos e orientações morais emitidos do púlpito.

A partir dessas ações defendidas pela Igreja, o padre tinha o papel de estimular a produção agrícola familiar e de manter a vigilância sobre seus membros, na medida em que apresentava como perspectiva de vida a religião mantida sobre firmes e sólidas bases, sendo a fé capaz de resolver todos os problemas familiares e afastar os perigos que poderiam ameaçar a família. O padre apresentava-se não só como autoridade religiosa, mas como uma autoridade local, pois agia na reorganização do trabalho produtivo do agricultor, estabelecia critérios de normatização e disciplinarização dos fiéis.

Ao assumir suas funções como vigário, Pe. Mathias fez uma avaliação sobre as condições financeiras em que se encontrava a paróquia e efetuou o seguinte registro: “No caixa da Igreja não havia dinheiro e poucas pessoas frequentavam as missas dominicais”⁸. Ao iniciar seu trabalho de fortalecimento da fé católica e de estruturação das comunidades instaladas em diferentes localidades da cidade, empreendeu a construção, reforma e ampliação de aproximadamente duas dezenas de igrejas, a construção de cinco salões paroquiais, três escolas, um galpão, casas para abrigar as irmãs catequistas, adquiriu terrenos, mobilizou uma comunidade e as autoridades locais e regionais para construir uma ponte e conduziu a construção de um hospital. Essas ações permitem-nos identificar a dimensão da força de seu discurso e de sua liderança.

Ao tratarmos da presença e da circulação desse discurso nos aproximamos da discussão proposta por Orlandi (1987, p.252), que defende que “o poder da palavra na religião é evidente. O mecanismo de performatividade atesta este poder de forma clara. A performatividade da linguagem está intimamente ligada a uma visão da linguagem como uma ação”. O discurso religioso é uma elaboração de componentes cuidadosamente escolhidos pelo responsável pela emissão de um conjunto de códigos, destinado diretamente a um grupo de fiéis que tem a função de decodificá-los. Uma vez

⁸ STEIN, Mathias Maria. **Livro Tombo da Paróquia Senhor Bom Jesus de Guaramirim**. Ano 1950, p.9. *Apud* Schork (2007, p.27).

decodificados, apropriados e aceitos, evidenciam um conjunto de práticas que se instalam sobre o corpo e transformam esse corpo em um portador de códigos e sentidos religiosos, legitimando o emissor e o conteúdo emitido.

Peter Berger, ao discutir a eficácia da legitimação religiosa, afirma que

[...] a legitimação tem um aspecto objetivo e um aspecto subjetivo. As legitimações existem como definições disponíveis da realidade, objetivamente válidas. Constituem parte do “saber” objetivado da sociedade. (BERGER, 1985, p.45)

O processo de legitimação procura conter resistências individuais ou de grupos na medida em que é decodificada e reproduzida, agindo diretamente na maneira como o sujeito apreende o mundo. A legitimação de um discurso ou uma ação faz com que discurso e ações caminhem juntos, e carrega consigo a necessidade de lembrar repetidamente, por isso é capaz de aproximar os pares e identificar o diferente.

Em meio às celebrações religiosas, do púlpito, do confessionário, na casa das pessoas ou na rua, os cuidados e o controle de Pe. Mathias eram sentidos por seus fiéis em todos os lugares. Sobre o poder e a influência de Pe. Mathias, contou-nos Sr. Abílio que: “*naquele tempo ele mandava em tudo, ele que nos mandava em tudo*”⁹. O “mandar em tudo” para o Sr. Abílio significou, em sua fala, que todas as ações dos fiéis católicos tinham de estar ajustadas aos enquadramentos ditados pelo padre. Ao lembrar da maneira como Pe. Mathias tratava seus fiéis e a forma como cuidava para que todos o obedecessem, Sr. João narrou:

*Ele [Pe. Mathias] tinha o púlpito, lá em cima. Ele subia naquele púlpito e dava de dedo. Se encontrava [Pe. Mathias] a gente no caminho também, na estrada ele parava o jeep e dava o recado dele. Na própria arrozeira, se via alguém lá que ele queria cobrar alguma coisa que ele soube e não gostou, coisas assim parecidas, ele parava e cobrava, falava e brigava*¹⁰.

Em Guaramirim, as famílias católicas que não se enquadravam nos códigos vigentes iam assistir missas em Jaraguá do Sul, refletindo um distanciamento do

⁹ BORBA, Abílio Belarmino de; BORBA, Odete da Silva. Entrevista concedida a Elaine Cristina Machado, Guaramirim, SC, 21 maio 2011.

¹⁰ PEREIRA, João; PEREIRA, Maria. Entrevista concedida a Elaine Cristina Machado, Guaramirim, SC, 9 fev. 2011.

enquadramento proposto. Ao tratar dessas aproximações e desses afastamentos, Sr. Angelo, relata:

Muitos católicos iam para Jaraguá ver missas. Eu não sei, eu gostava muito do Pe. Mathias, achava ele um homem muito justo, muito certo assim. Mas tinha gente que não gostava, aí não ia na missa dele porque não fazia como ele queria¹¹.

A reflexão acerca das experiências religiosas e das implicações das diferenças e a atribuição de contrastes em relação ao outro em Guaramirim aponta para uma constante capacitação dos fiéis para combater o desconhecido, para combater as forças que podem abalar a unidade da comunidade e que abrem suas portas para o pecado, mesmo que este pareça inclassificável, pois é o pecado que desestabiliza a ordem almejada e valorizada pela fé católica.

3. Uma ditadura necessária?: colisões políticas e religiosas

[...] Vejo-me agora duramente perseguido por um padre estrangeiro, que menospresando (sic) as leis do ensino, com ameaças de ex-comunhão (sic), proibindo a matrícula dos alunos católicos na época legal [...]¹²

Esse trecho é parte de uma carta endereçada a Elpídio Barbosa¹³, escrita por Cantalício Érico Flores em 1952. A partir desse trecho é possível perceber que a carta anuncia as tensões que envolveram o autor da carta, um membro da Igreja Presbiteriana Independente, e um pároco católico. O documento, que trata das disputas pelo poder local em Guaramirim, desencadeado pela aposentadoria forçada de Cantalício Flores e

¹¹ BOLOMINI, Angelo José. Entrevista concedida a Elaine Cristina Machado, Guaramirim, SC, 16 maio 2011.

¹² FLORES, Cantalício Érico. **Carta enviada ao Sr. Elpídio Barbosa**. 11 mar. 1952. Acervo do Centro de Documentação de Guaramirim.

¹³ Elpídio Barbosa, eleito pelo Partido Social Democrático (PSD), atuou como deputado estadual de Santa Catarina no período de 1951 a 1955. Antes de seu mandato como deputado estadual, em 1935, ocupou cargo técnico no Departamento de Educação do Estado. Foi Diretor do Grupo Escolar Professor Luís Neves, em Mafra, do Grupo Escolar Professor Joaquim Santiago, em Joinville, ascendeu a Inspetor Escolar (1931-1934) e foi elevado a Subdiretor Técnico do Departamento de Educação do Estado (1935-1940).

pela defesa da implantação de uma nova escola administrada pelo pároco católico, permite-nos identificar que essas disputas extrapolam o universo educacional, transitando entre a política partidária e o universo religioso.

Embates envolvendo representantes de diferentes denominações religiosas, códigos de condutas e disputas no campo político foram bastante intensos e deixaram transparecer, por exemplo, uma tensão envolvendo Pe. Mathias e o Sr. Cantalício Érico Flores. O Sr. Cantalício Érico Flores foi administrador do núcleo colonial Barão do Rio Branco¹⁴, professor e, após a criação do distrito policial¹⁵, atuou como subdelegado de polícia. Logo suas práticas devocionais e políticas desagradaram ao Pe. Mathias e entraram em conflito com os objetivos por ele defendidos. Em carta enviada ao Sr. Elpídio Barbosa, em 11 de março de 1952, o Sr. Cantalício escreveu:

A conselho do meu grande amigo Álvaro Maia, resolvi escrever-lhe, não para que politicamente tome o feito o meu caso, mas para que avalie a injustiça que se está fazendo a um pobre professor que empregou e emprega ainda a melhor de sua aptidão na educação dos filhos deste pedaço de terra do nosso glorioso Brasil, cujo caso é o seguinte:

Há dois anos mais ou menos chegou a esta localidade vindo da Alemanha, um padre de nome Mathias Maria Stein, **que foi prisioneiro de guerra em um dos campos de concentração na Rússia e, que, conseguiu fugir para o Brasil**, homem de espírito atilado, de uma prepotência a toda prova.

Logo que começou a paroquiar aqui iniciou uma campanha de perseguição a minha pessoa, porque professo a fé evangélica como membro da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil.

Assim é que, urdindo uma trama pérfida e cruel contra minha pessoa, conseguiu entre os católicos mais beatos de toda a redondeza do Núcleo, abrangendo o raio de ação das seis escolas aqui localizadas, um abaixo assinado (sic) com cento e vinte e poucas assinaturas inclusive a do chefe udenista local, que diz ter assinado involuntariamente.

De posse desse documento que não representa a expressão da verdade, pois que, muitas assinaturas foram conseguidas por meio de ameaças de excomunhão (sic) o padre se apresentou ao senhor governador do estado pedindo em nome daquelas assinaturas falsas a criação de uma escola pública, junto a minha escola, dirigida exclusivamente por catequistas¹⁶.

(Grifo nosso)

¹⁴ O núcleo colonial Barão do Rio Branco foi um empreendimento criado em 1913 no governo do Marechal Hermes da Fonseca, para ser uma colônia agrícola em Guaramirim. Oficialmente o núcleo Barão do Rio Branco deixa de existir em 1930. Sobre o núcleo colonial Barão do Rio Branco ver: PIAZZA; HÜBENER (1983).

¹⁵ O governo do estado de Santa Catarina, por meio do decreto n°. 1372 de 12 de abril de 1920, criou um distrito policial que compreendia as imediações do Núcleo Colonial Barão do Rio Branco.

¹⁶ FLORES, Cantalício Érico. *Op. Cit.*

O trecho da carta escrita pelo Sr. Cantalício Flores não trata meramente de uma oposição religiosa direta entre uma liderança católica e um membro da Igreja Presbiteriana Independente, mas também de um jogo de forças embalado por uma disputa pelo poder local, com apelo às influências políticas estaduais.

Ao afirmar que Pe. Mathias era um padre alemão fugitivo de um campo de concentração russo que veio para o Brasil, o Sr. Cantalício Flores não esperava apenas recuperar seu poder e sua influência na localidade de Rio Branco: essa forte argumentação era o apelo necessário para afastá-lo da cidade, uma vez que, ao evidenciar a nacionalidade de Pe. Mathias e acusá-lo de fugitivo de campo de concentração russo, no início dos anos de 1950, com esse apelo, mesmo que confuso, esperava mostrar o quanto este pároco poderia ser perigoso. Soma-se ao peso desse apelo a declaração de perseguição religiosa e a ameaça de excomunhão aos fiéis católicos que se recusassem a assinar o documento apresentado pelo padre.

Traindo as expectativas de Cantalício Érico Flores, Pe. Mathias confirmou a construção de uma escola dirigida por irmãs catequistas no Rio Branco. Contudo, por um período de dois anos (1950 e 1951), a localidade contou com o funcionamento de duas escolas, uma para católicos e outra para não católicos. Em 1951, o Sr. Cantalício Flores, por intermédio do governo do Estado, foi convocado a se aposentar.

As tensas negociações, os desacordos e os desconfortos envolvendo não católicos e católicos, exemplificadas no confronto entre o Sr. Cantalício Flores e Pe. Mathias, embora estriados e marcados por desafetos e exclusões, foram represados, transparecendo o poder representado por Pe. Mathias e prevalecendo o projeto de condução da comunidade defendido pelo sacerdote.

Ao tratar sobre a relação entre o poder político e o poder religioso, Bourdieu (2009, p.69) defende que

A estrutura das relações entre o campo religioso e o campo do poder comanda, em cada conjuntura, a configuração da estrutura das relações constitutivas do campo religioso, que cumpre uma função externa de legitimação da ordem estabelecida na medida em que a manutenção da ordem simbólica contribui diretamente para a manutenção da ordem política, ao passo que a subversão simbólica da ordem simbólica só consegue afetar a ordem política quando se faz acompanhar por uma subversão política dessa ordem.

O movimento provocado pelo atrito e pela permuta entre poder político e poder religioso resultou no fortalecimento da legitimação de um discurso religioso majoritário, e devido à força de sua influência, seu poder de mobilização em diferentes instâncias indica o reforço e a manutenção da ordem política em vigor.

O atrito envolvendo o Sr. Cantalício Flores e Pe. Mathias, motivado pela extinção da escola administrada por Cantalício Flores e pela implantação de uma escola administrada pelo pároco católico e por irmãs catequistas, foi resolvido. Contudo, ficou, para a população da localidade do Rio Branco e redondeza, a obrigatoriedade, independente da religião, de frequentar a escola São José. Ao trabalhar suas memórias, D. Maria, que era luterana e frequentava a escola católica na localidade de Rio Branco, relembra:

Eu ia a pé pra escola. Eu aprendi a andar de bicicleta tinha sei lá eu, mas daí não tinha bicicleta pra ir, meu pai ia trabalhar, nós tinha (sic) que ir a pé. Eu fui até a quarta série. Eu estudei ali, mas eu não continuei, meu pai não tinha como pagar. As professoras eram irmãs catequistas, eram irmãs de assim [sinal com as mãos expressando uso de hábito]. De manhã iam rezar na Igreja. Entrava tudo (sic) com a mão no ombro um do outro e uma vez por semana cantava o hino nacional, hoje acabou nas escolas¹⁷.

As experiências trazidas por D. Maria possibilitam identificar a transparente aproximação entre a Igreja e o Estado, que ganhava volume e densidade com a crescente iniciativa da Igreja em tomar para si a construção e a administração de um número crescente de obras assistenciais, dentre elas escolas e hospitais.

Ao discutir a presença dos franciscanos na história da educação, Otto (2008, p.117) apresenta a dinâmica e os propósitos de criação de escolas paroquiais, e sobre esses propósitos destaca: “As ações que objetivavam a garantia de uma sólida formação religiosa como parte essencial de um currículo escolar tornam patente que a intenção de seus idealizadores era a formação de sujeitos fiéis às diretrizes da Igreja Católica”¹⁸. Pela instrução escolar ensinavam-se as obrigações para com a religião. As ações

¹⁷ PEREIRA; PEREIRA, *op. cit.*

¹⁸ Embora a discussão da autora esteja localizada em um recorte temporal diferente do proposto por esta discussão, suas problematizações nos servem para localizar as perspectivas que conduziam a instalação desses modelos de escolas e seus propósitos.

disciplinadoras, amparadas por estruturas curriculares de orientação cívico-religiosa, promoviam a construção de sujeitos enquadrados dentro de uma conduta moral cristã, assentados nos propósitos da Igreja desse período, que depositava nessa estrutura os investimentos necessários para ajustar socialmente aqueles que frequentavam esses espaços.

Foi comum em Guaramirim, durante mais de três décadas, a presença de irmãs atuando como catequistas, professoras e nas atividades do hospital. Essas religiosas eram comumente chamadas de “irmãs catequistas” independentemente do papel que desempenhavam dentro das comunidades. As religiosas geralmente moravam ao lado das igrejas, em casas construídas para abrigá-las. A presença das irmãs em grande parte das comunidades tornava Pe. Mathias ainda mais onipresente. Desse modo, a atuação dessas religiosas, principalmente as dedicadas à atividade missionária/educacional, esteve voltada para a solidificação de um discurso que transformava os alunos em bons fiéis, construindo sujeitos obedientes, disciplinados e voltados à prática sacramental.

As críticas feitas a Pe. Mathias e o reconhecimento ao seu trabalho também aparecem na narrativa de Sr. Daniel, que considera que,

Na época foi uma ditadura religiosa muito brava, jamais haverá nesse lugar uma ditadura religiosa como foi pregado na época. Mas para hoje, olhando os tempos atrás, na minha velhice olhando para trás eu vejo como era proveitoso aquilo. Arrumou uma cidade [referindo-se a Pe. Mathias]. As mulheres se vestiam decentemente, andavam decentemente, as crianças tinham seus horários religiosos e tudo. Mas era uma ditadura, mas era uma parte que levava uma vida religiosa. Se você não olhar para essa parte, então era uma coisa [referindo-se ao peso das obrigações, dos códigos e interditos impostos pelo pároco católico], se não, foi uma parte muito boa, muito séria¹⁹.

Encontramos na narrativa feita por Sr. Daniel uma crítica compensatória, pois Sr. Daniel avaliou a atuação de Pe. Mathias como uma “ditadura religiosa”, ao passo que, a partir do presente, da sua “velhice, olhando para trás”, enxergou essa “ditadura religiosa” como proveitosa, pois foi a partir dela que Pe. Mathias *arrumou* a cidade.

¹⁹ SILVA, Daniel Graudin da. Entrevista concedida a Elaine Cristina Machado, Guaramirim, SC, 13 dez. 2011.

Desses esforços, aquilo que Sr. Daniel considera arrumar uma cidade, consideramos aqui que só foi possível porque Pe. Mathias pode contar com o trabalho e as doações de seus fiéis.

Em relação ao retorno das famílias à Igreja, em 1952 Pe. Mathias fez o seguinte registro no Livro Tombo:

Aumentou a religião na nova paróquia. Na matriz, já não cabia mais o número crescente de fiéis, tanto que no ano de 1951, foram realizados 341 batizados e 294 primeiras comunhões. Também no ano de 1951, a torre lateral da igreja teve que ser refeita, por apresentar rachaduras em sua estrutura. Um fato lamentável, daquele ano, foi o falecimento dos senhores Dante da Luz e Vicente de Andrade e ferimentos graves sofridos pelo jovem Jorge Hang, em acidente ocorrido, enquanto efetuavam obras de retirada de barro, no terreno situado nos fundos da igreja²⁰.

O registro efetuado por Pe. Mathias permite-nos entender que, já no início da década de 1950, a sistemática de trabalho e o fortalecimento da fé surtiam resultados positivos, exceto pelas mortes e ferimentos provocados em decorrência dos trabalhos doados à Igreja. O investimento do pároco para capitanear esses trabalhadores fazia com que ficasse aparente um ciclo experimentado cotidianamente por esses fiéis. Esse ciclo reunia fé, orientação de comportamento, o chamado do líder religioso para trabalhar nas obras da Igreja, doações (dinheiro, animais, alimentos, trabalho ou qualquer outro bem), punições, vigilância e educação de crianças e jovens dentro de uma lógica religiosa.

O corpo é o *locus*: é sobre ele que agem as forças disciplinadoras, é nele que se instalam as forças de poder e saber. É apontando para ele e pensando nele que estão os interditos, as normas comportamentais, as confissões e o trabalho. Assim, são os corpos dos sujeitos, ou melhor, dos fiéis que se pretendia alcançar. Construir um hospital, escolas e igrejas representava cuidar de corpos, mentes e almas. Sujeitos disciplinados, fortes e orientados, seguindo seu líder. Contudo, essa liderança chega ao fim e Guaramirim experimenta um vazio que, depois de 27 anos, causou para uns um sentimento de abandono, de perda, para outros, de alívio.

²⁰ STEIN, Mathias Maria. **Livro Tombo da Paróquia Senhor Bom Jesus de Guaramirim**. Ano 1952, p.25. *Apud* SCHORK (2007, p.30).

No dia 31 de maio de 1976 Pe. Mathias escreve uma carta, de próprio punho, renunciado ao cargo de pároco, mas não de capelão do hospital que construiu. Nessa carta anunciava o perdão àqueles que criticaram seu trabalho apostólico e pede perdão pelas suas falhas. Essa carta antecedeu a realização de sua última missa, celebrada na Matriz Senhor Bom Jesus em 21 de junho de 1975, momento em que anunciou sua partida para Alemanha, não mais retornando a Guaramirim. Com os mais próximos manteve contato por muito tempo, por meio de cartas, sempre procurando saber o que estava acontecendo com a Guaramirim que ele havia deixado.

Referências

Entrevistas orais:

BOLOMINI, Angelo José. Entrevista concedida a Elaine Cristina Machado, Guaramirim, SC, 16 maio 2011.

BORBA, Abílio Belarmino de; BORBA, Odete da Silva. Entrevista concedida a Elaine Cristina Machado, Guaramirim, SC, 21 maio 2011.

PEREIRA, João; PEREIRA, Maria. Entrevista concedida a Elaine Cristina Machado, Guaramirim, SC, 9 fev. 2011.

SILVA, Daniel Graudin da. Entrevista concedida a Elaine Cristina Machado, Guaramirim, SC, 13 dez. 2011.

Documento de arquivo

FLORES, Cantalício Érico. **Carta enviada ao Sr. Elpídio Barbosa**. 11 mar. 1952. Acervo do Centro de Documentação de Guaramirim.

Sítios eletrônicos

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Disponível em:

<<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/santacatarina/guaramirim.pdf>>. Acesso em: 11 ago. 2011.

Estudos (livros, artigos, dissertações e teses)

BERGER, Peter Ludwig. **O dossel sagrado**: elementos para uma sociologia da religião. São Paulo: Paulus, 1985.

BOURDIEU, Pierre. A dissolução do religioso. In: **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990. p.119-125.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

LEPETIT, Bernard. **Por uma nova história urbana**. São Paulo: Edusp, 2001.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas de discurso. 2. ed. Campinas: Pontes, 1987.

OTTO, Clarícia. Franciscanos na história da educação. In: SOUZA, Rogério Luiz de; OTTO, Clarícia (orgs.). **Faces do catolicismo**. Florianópolis: Insular, 2008. p.95-118.

PIAZZA, Walter Fernando; HÜBENER, Laura Machado. **Santa Catarina: história da gente**. Florianópolis: Lunardelli, 1983.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p.93-101.

SCHORK, Francisco Herbert. **Hospital Santo Antônio 50 anos: assistindo vidas e renovando esperanças**. Guaramirim: Gráfica Guaramirim, 2003.

_____. **Padre Mathias, Monsenhor Stein: amor incondicional a Deus e zelo incansável pelo bem-estar do povo**. Guaramirim: Gráfica Guaramirim, 2007.

SOUZA, Rogério Luiz de. A ética católica e o espírito do capitalismo no mundo rural. In: SOUZA, Rogério Luiz de; OTTO, Clarícia (orgs.). **Faces do catolicismo**. Florianópolis: Insular, 2008. p.193-218.